



SMARSARO, Aucione; DAMASCENO, Gesieny Laurett Neves. **Resenha: ABRAÇADO, Jussara; KENEDY, Eduardo. (ORGS.) *Transitividade Traço a Traço*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2014. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 16, Dezembro 2014. [http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br]**

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4032>

## **ABRAÇADO, JUSSARA; KENEDY, EDUARDO. (ORGS.). TRANSITIVIDADE TRAÇO A TRAÇO. RIO DE JANEIRO: EDITORA DA UFF, 2014.**

Aucione Smarsaro <sup>1</sup>

Gesieny Laurett Neves Damasceno<sup>2</sup>

O livro *Transitividade traço a traço* (2014), organizado por Jussara Abraçado e Eduardo Kenedy, apresenta sete capítulos com estudos acerca de cada traço componente da noção de transitividade propagada por Hopper e Thompson (1980). Diferentemente do ponto de vista da gramática tradicional, para estes autores, não há necessidade de ocorrência dos três elementos – sujeito, verbo, objeto – para que uma oração seja transitiva. A transitividade, segundo eles, é concebida como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Tomados em conjunto, esses parâmetros permitem que as orações sejam classificadas como mais ou menos transitivas: quanto mais traços de alta transitividade uma oração exibe, tanto mais transitiva ela é. Os estudos realizados na obra *Transitividade traço a traço* mostram que na prática cada um dos dez traços componentes da transitividade apresenta especificidades e relações com outros traços, trazendo à tona problemas que na maioria das vezes não se resolvem com avaliações de caráter binário.

A proposta de análise apresentada nesse livro traz o tema da transitividade para o quadro das discussões atuais, cujo interesse está nas relações entre mente e linguagem e buscam aferir, por meio de experimentos psicolinguísticos, em que medida a percepção dos falantes do português brasileiro confirma a atuação de cada um dos traços componentes da transitividade, tal como proposto por Hopper e Thompson (1980).

No capítulo inicial, Jussara Abraçado retoma a abordagem de transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980) e destaca a natureza escalar dessa propriedade. Esses autores, ao adotarem a visão de que a transitividade se refere à transferência de uma ação de um agente para um paciente

---

1. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

2. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista da CAPES.

e, portanto, quanto mais efetiva for a transferência mais transitiva será a sentença, propõem um olhar gradiente sobre a transitividade. As discussões empreendidas visam discutir os problemas teóricos e metodológicos concernentes, em especial, à classificação binária dos parâmetros componentes da transitividade. Além de revisitar e ampliar o construto teórico subjacente a essa noção de transitividade, a obra *Transitividade traço a traço* propõe averiguar, por meio de testes psicolinguísticos, em que medida a percepção dos informantes condiz com os postulados de Hopper e Thompson (1980).

No capítulo dois, Eduardo Kennedy descreve o modo como os experimentos psicolinguísticos *off-line* foram elaborados, aplicados e analisados. Os testes psicolinguísticos, aplicados a todos os dez traços, objetivam investigar a percepção do sujeito (participante das tarefas) acerca dos parâmetros de transitividade manipulados como variáveis independentes. O autor explica que a testagem empírica surgiu da necessidade de trazer as considerações acerca da transitividade para a discussão atual, cuja preocupação está na busca pela realidade psicológica de suas descrições e teorias.

Concernente ao traço *Participantes*, o capítulo três, escrito por Flávia Saboya, destaca o fato de o grau de transitividade de uma sentença depender, sobretudo, da natureza dos participantes e das relações sintático-semânticas que os envolvem. Considerando que a transitividade é a transferência de ação de um agente para um paciente ou recipiente, é natural a conclusão de que tal transferência não ocorrerá efetivamente, a menos que haja, no mínimo, dois participantes. Todavia, o teste psicolinguístico aplicado corroborou a ideia de que, além do número de participantes disponíveis na sentença, outras questões se mostram bastante relevantes, quando o foco recai sobre o papel do traço *Participantes* na efetividade de uma ação. Dentre as questões que se colocam como intermediárias na determinação do grau de transitividade são elencadas e testadas as seguintes hipóteses: a cláusula que não apresenta paciente prototípico, isto é, um paciente afetado pela ação, apresenta baixo grau de transitividade; a cláusula cujo segundo elemento da locução verbal não possui agente gramaticalmente expresso é menos transitiva do que aquela em que ambos os participantes estão manifestados; a cláusula reflexiva ocupa posição intermediária entre as cláusulas de um e dois argumentos; as composições V-O apresentam baixa transitividade; a cláusula com anáfora zero é mais transitiva do que aquela em que o agente não está expresso; a cláusula com paciente recuperável no contexto anterior é mais transitiva do que aquela com paciente não referencial; cláusulas nominalizadas são extremamente baixas em transitividade.

No capítulo quatro, ao abordar o traço *Cinese*, Ana Machado Teixeira questiona a classificação binária e opta por uma representação gradiente do valor semântico dos verbos, partindo da expressão de ação plena e chegando à de não ação. Tendo como base as classificações de Chafe (1979) e Borba (1996) e a ordem hierárquica, em termos de transitividade, dos tipos de predicados, elaborada por Cavalcante (1997), considera a hipótese de uma gradiência, que relaciona os verbos de ação-processo

ao nível mais alto, seguidos dos verbos de ação, no nível médio, e de processo, no nível mínimo, enquanto, no outro extremo do contínuo, os verbos de estado correspondem à cinese quase nula. Como parte desse caráter gradiente, a elaboração do teste psicolinguístico considerou, ainda, a inter-relação existente entre os três traços relativos ao verbo, a saber: cinese, aspecto e pontualidade. Com base nos resultados encontrados, observa-se que, assim como a própria transitividade, a cinese apresenta gradiência, e, embora o aspecto e a pontualidade tendem a colaborar, a natureza do verbo se mostra mais importante para a compreensão do nível de cinese de um enunciado.

O traço *Pontualidade* é o tema abordado no capítulo cinco por Maria Nazaré de Carvalho Laroca, que visita os pressupostos de diversas abordagens teóricas, a fim de elucidar os conceitos subjacentes a esse parâmetro. Discute-se o fato de que a pontualidade considerada por Hopper e Thompson (1980) corresponde a um traço semântico-aspectual da perfectividade, ou seja, se define entre a aspectualidade lexical (ou *Aktionsart*) e a gramatical. Sob a ótica da aspectualidade lexical (ou *Aktion-sart*), a pontualidade faz parte da natureza semântica inerente ao verbo; todavia ocorre na predicação perfectiva, no âmbito do aspecto gramatical, ou simplesmente aspecto. Os dois testes aplicados, com o intuito de verificar em que medida os usuários da língua manifestariam sua percepção do traço de pontualidade em conformidade com as previsões de Hopper e Thompson (1980), apontam para o fato de tal variável ser mais facilmente percebida quando apresentada isoladamente, ou seja, sem a interação com outras variáveis, como agentividade, cinese etc.

Na noção de transitividade defendida por Hopper e Thompson (1980), um participante com alta agentividade e alta volitividade pode efetuar mais eficazmente a transferência de uma ação, o que não ocorre com participantes com baixa agentividade e baixa volitividade. Por contribuírem para um maior ou menor grau de transitividade da sentença, as noções de *Agentividade* e *Volitividade* são retomadas, em suas diversas acepções teóricas, por Wagner Alexandre dos Santos Costa, no capítulo seis. A revisão desses conceitos lança luz sobre as especificidades semântico-sintático-pragmáticas que, na relação entre N (nome) e V (verbo), interferem no grau de transitividade da sentença. Com base nas discussões empreendidas em torno dessas noções, montou-se um teste para conferir a relação entre o grau de transitividade de uma cláusula e os traços agentividade e volitividade. Os resultados apresentados nessa seção permitem entrever a real influência de fatores semântico-pragmáticos no modo como os informantes percebem a relação entre esses traços e a efetivação da transferência da ação.

Quanto ao traço *Polaridade*, Katiane de Carvalho Coelho, autora do capítulo sete, discute a aparente simplicidade com que Hopper e Thompson (1980) classificam, binariamente, as sentenças em afirmativas e negativas e coloca em cena a complexidade em relação aos valores discursivos assumidos pela negação em determinados contextos discursivos. Tendo como principal referência os estudos de Fauco-

nier (1975), Givón (1984) e Neves (2000), evidencia a necessidade de se ampliar a compreensão da negação a partir de um viés pragmático-discursivo. Com vistas a amenizar a lacuna existente em relação ao *status* dos elementos de negação em relação ao traço de negação da transitividade, a partir da percepção dos falantes da língua, elaborou-se um teste psicolinguístico em que os elementos de negação selecionados abarcaram valores discursivo-pragmáticos diversos. Apesar de as expressões negativas utilizadas no teste propositalmente suscitarem dúvidas, os dados mostram que os usuários da língua são capazes de identificar a intenção de veiculação das informações de natureza discursivo-pragmática.

No capítulo oito, Hyléa de Camargo Vale busca verificar a real influência do traço *Modo* no grau de transitividade das cláusulas. A fim de conferir um viés pragmático às investigações, toma como base a gramática funcional givoniana, que considera a modalidade, através dos modos *realis* e *irrealis*, como o julgamento do falante instaurado na atividade comunicativa, constituindo uma propriedade da interação verbal. As análises, a partir dos dados coletados, corroboram os preceitos de Hopper e Thompson (1980) em relação à modalidade, pois, tal como foi apregoado, as ações apresentadas no modo *irrealis* são percebidas como menos efetivas do que aquelas descritas no modo *realis*. O estudo demonstra que os aspectos semântico-interativos dos verbos também influenciam na identificação, por parte do falante, de uma ação realizada ou não realizada.

Para Hopper e Thompson (1980), o grau de transferência de uma ação está diretamente relacionado a quanto o Objeto é afetado pela ação imputada ao Agente e expressa pelo Verbo. Pezatti (2004) correlaciona o afetamento do objeto à perfectividade verbal, afirmando que o afetamento total do objeto decorre de uma perfectividade semântica do verbo. A relação entre telicidade e afetamento é o tema do capítulo nove, desenvolvido por Melina Souza e Amanda Dib, que buscam averiguar em que medida a imperfectividade do verbo é percebida pelo usuário da língua como responsável pela diminuição do grau de transitividade dos enunciados. Os resultados encontrados em relação, por exemplo, ao gerúndio, ao pretérito imperfeito e ao presente do indicativo endossam a necessidade de se considerar os parâmetros a partir de uma perspectiva escalar e não binária, como sugerem Hopper e Thompson (1980).

O último capítulo do livro, de autoria de seus organizadores, aborda o traço *Individação do objeto*. Diferentemente dos demais, esse parâmetro é subdividido em outros seis traços, que são descritos por Jussara Abraçado e Eduardo Kenedy. Uma análise mais sistêmica sobre a individuação do objeto demonstra que a natureza escalar atribuída à transitividade também é observada internamente nos traços próprio/comum; humano, animado/inanimado; concreto/abstrato; singular/plural; contável/não contável; referencial, definido/não referencial. Esse fato reforça a concepção dos estudos que compõem o livro *Transitividade traço a traço*, de que a gradiência é uma característica intrínseca da linguagem.

A noção de transitividade elaborada por Hopper e Thompson (1980) alcançou grande relevância como construto teórico linguístico pelo fato de os autores norte-americanos abandonarem a visão tradicional de transitividade – cujo enfoque é a classificação dicotômica dos verbos em transitivos e intransitivos, de acordo com a presença ou não de um completo (objeto) – e proporem um olhar gradiente sobre essa propriedade. Para essa abordagem funcionalista, a transitividade é vista como uma propriedade escalar, contínua e não categórica. Os dez traços componentes da transitividade atribuem graus à sentença, que, independentemente da ocorrência de um objeto, podem ser classificadas como mais ou menos transitivas. Todavia, apesar de parecer simples, muitas são as dificuldades que o estudioso da língua enfrenta ao analisar a língua a partir dessa proposta teórica. O livro *Transitividade traço a traço*, nos estudos apresentados sobre cada traço, além de evidenciar algumas das lacunas existentes no modelo de Hopper e Thompson (1980), fornece subsídios teórico e metodológico para que essas inquietações sejam atenuadas.

Os experimentos psicolinguísticos aplicados aos dez traços que compõem o complexo transitivo inserem a transitividade no quadro dos estudos atuais, que consideram a relação existente entre linguagem e cognição e fornecem elementos suficientes para corroborar a ideia de que a noção de gradiência deve perpassar cada um dos parâmetros componentes da transitividade. Os estudos evidenciam que cada traço, internamente, possui peculiaridades e subcategorias que uma atribuição binária nem sempre é suficiente para abarcá-las. A necessidade de se analisar o traço chinês a partir de um contínuo (capítulo quatro), que considerou a semântica do próprio verbo, exemplifica esse fato.

Apesar de a maioria dos testes aplicados pelos autores confirmarem as previsões de Hopper e Thompson (1980) acerca da relação existente entre os traços e o grau de transitividade das sentenças, essa testagem empírica trouxe à tona outros fatores relevantes que interferem no modo como o usuário da língua concebe os parâmetros de transitividade. Concernente ao traço individuação do objeto (capítulo dez), por exemplo, a natureza semântica do item verbal pareceu interferir de maneira significativa nos resultados apurados.

Além das contribuições mencionadas, *Transitividade traço a traço* disponibiliza um apanhado teórico organizado e consistente sobre cada um dos dez traços arrolados por Hopper e Thompson (1980), o que enriquece sobremaneira o entendimento dos conceitos subjacentes aos parâmetros de transitividade.